

tes dos dois sistemas que, às vezes, prejudicam o Evangelho.

Não por último, queremos registrar aqui o trabalho que o Dr. Estevan Kirschner desempenhou em todos os anos de existência da *Vox Scripturae*. Dr. Estevan despede-se da função de Editor da revista por estar assumindo outras atividades, mas não deixará de nos brincar com sua abençoada inteligência e sabedoria, com seus dons e talentos. Temos muito a agradecer a este homem de Deus, que ao longo de sua vida orientou e ensinou a muitos, inclusive a mim, à responsabilidade de se trabalhar com a Palavra de Deus. O Espírito Santo de Deus irá te acompanhar e seguir por onde andares. Nossos sinceros agradecimentos.

O desejo do Dr. Estevan é que “a ‘voz da Escritura’ seja profundamente relevante em nosso mundo e no tempo em que vivemos.”

Boa leitura!

Carlos Alberto Krewer

O ESPÍRITO E A EXPANSÃO DA IGREJA EM ATOS: CONSIDERAÇÕES HERMENÊUTICAS

Estevan F. Kirschner *

1. CONSIDERAÇÕES HERMENÊUTICAS PRELIMINARES SOBRE ATOS DOS APÓSTOLOS

1.1 Introdução

Pelo fato de relatar a história da Igreja primitiva, o livro de Atos tem um lugar especial entre os escritos do NT. Atos faz a ligação necessária ao NT entre os Evangelhos — que expõem a vida, o ministério e a paixão de Jesus Cristo —, e as cartas — que apresentam questões relativas à dinâmica da vida das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo do 1º século.

A pergunta relevante que decorre dessa constatação inicial é a seguinte: Uma vez que Atos narra a vida, a experiência e os ministérios da Igreja primitiva, temos nesse livro o modelo, ou o padrão, para a vida, a experiência e os ministérios da Igreja na atualidade? Será Atos um “precedente histórico” para justificar práticas ou doutrinas da Igreja hoje no século XXI? A importância dessas questões é destacada pelas palavras de Gordon Fee¹:

(...) práticas divergentes como batismo de crianças ou somente de adultos crentes, a política eclesiástica congregacional e episcopal, a necessidade de tomar a Ceia do Senhor todos os domingos, o batismo no Espírito Santo acompanhado pelo falar noutras línguas, a venda das posses a fim de ter todas as coisas em comum, e até mesmo a manipulação ritual das serpentes (!) têm sido apoiadas total ou parcialmente em Atos.

Estevan F. Kirschner, Ph.D., leciona exegese do Antigo e Novo Testamentos na Faculdade Luterana de Teologia (FLT-MEUC) em São Bento do Sul, SC; no Seminário Teológico Servo de Cristo em São Paulo, SP; e no Seminário Bíblico Palavra da Vida em Atibaia, SP.

¹ G. D. FEE & D. STUART. *Entendes o que Lês?* Trad. por Gordon Chown. S.P.: Vida Nova, 1984. p. 80.

Antes de traçar algumas considerações hermenêuticas sobre Atos, devo, primeiramente, chamar a atenção para o aspecto **história** nesse livro. O estilo do autor de Atos, Lucas em nosso entendimento, tem muita semelhança com o de Tucídides, historiador grego do século V a.C., o qual deu os contornos literários para aquilo que no mundo antigo era considerado literatura histórica. Tucídides via seus escritos (históricos) como tendo o propósito de encorajar, entreter, informar, moralizar e apresentar apologia. Segundo F.F. Bruce², o autor de Atos segue a mesma linha literária de Tucídides em seu livro.

Outro aspecto que não deve ser minimizado é o fato de Atos ser o segundo volume de uma obra maior, cujo primeiro volume é o Evangelho de Lucas. Existe, claramente, uma **continuidade** deliberada entre os dois livros, o que fica patente já no prólogo de cada um (Lc 1:1-4 e At 1:1-5). A intenção do autor é levar o relato sobre Jesus adiante, agora na perspectiva da comunidade cristã — vista por ele como continuação do que ele “começou a fazer e a ensinar” (At 1:1).

Também se faz necessário enfatizar que o autor é **seletivo** na exposição que faz em seu livro. Lucas, claramente, não tem o objetivo de contar toda a história. Ele seleciona os eventos e personagens que servem melhor aos seus propósitos com o livro. Ele faz em Atos algo semelhante ao que João faz no quarto Evangelho, cf. Jo 20:30s.

Essas observações iniciais serão importantes na seqüência de nosso estudo.

1.2 A Intenção de Lucas com o livro de Atos

Se a intenção de Lucas foi a de fazer com que aquilo que relata no livro servisse de padrão para a Igreja, então precisamos admitir que **tudo** que ele diz deve ser aplicável a **todos**, em **todas as épocas**, em **todos os lugares**. Não é possível escapar dessa implicação, se esse for o caso. No entanto, quanto à essa questão de propósito, é necessário entender a partir do próprio livro qual (ou quais) teria sido sua intenção. Para fazer justiça ao texto, é provável que Lucas tenha tido mais do que uma intenção.

Primeiramente, em conexão com o Evangelho de Lucas, Atos certamente segue a mesma linha do autor no evangelho, que tenciona “informar

² F.F. BRUCE. *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1952. p. 15. Veja, também, Richard N. LONGENECKER. *The Acts of the Apostles*. in *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 9. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1981. pp. 212-214.

com precisão” a Teófilo sobre os acontecimentos envolvendo os discípulos depois da ascensão de Jesus (At 1:1-11, cf. Lc 1:1-4).

Em segundo lugar, Atos apresenta alguns traços de apologética cristã. O fundador do Cristianismo, Jesus Cristo, tinha sido condenado e executado por representantes autorizados do governo romano. Esse fato tornaria qualquer afirmação elogiosa a Jesus Cristo algo “politicamente incorreto”. Também havia uma polêmica constante entre Cristianismo e Judaísmo. Além disso, na perspectiva de alguns no mundo greco-romano, o perfil do Cristianismo era o de um grupo de revolucionários e subversivos³ (cf. At 17:6s). Como justificar uma presença cristã positiva no meio disso tudo? Mas Lucas procura mostrar a boa vontade dos magistrados e autoridades romanas e locais ao longo da narrativa (At 13:6-12 e 19:23-41, por exemplo). Também faz questão de demonstrar o esforço dos cristãos por viverem e promoverem a existência religiosa pacífica e dentro da legalidade (At 16:37-40).

Em terceiro lugar, não pode haver dúvidas de que Lucas pretendia que seu escrito servisse de incentivo e encorajamento para as comunidades cristãs quanto ao avanço do Evangelho no mundo. Exemplo importante disso é a nota extremamente positiva com que o autor encerra seu livro, com Paulo preso em Roma, em At 28:30s: “Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo. Pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum” [NVI].⁴

1.3 Um Panorama Sintético do livro de Atos

O livro de Atos fala primordialmente do impulso que a Igreja recebeu do Espírito Santo para a expansão do Evangelho de Jesus Cristo, desde seus primórdios judaicos até avançar inexoravelmente no mundo gentílico. At 1:8 estabelece um resumo claro desse avanço e de seus desdobramentos: “Mas

³ SUETONIUS. *Vita Claudius*. 25.4 apud R.N. LONGENECKER. *The Acts of the Apostles*. 469.

⁴ Para uma pesquisa mais completa da questão do propósito, ou propósitos, do autor do Livro de Atos, veja R.N. LONGENECKER. *The Acts of the Apostles*. pp. 216-221; I. Howard MARSHALL. *Atos: Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. S.P.: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980. pp. 15-20; Charles R. ERDMAN. *Atos dos Apóstolos*. Trad. por D.A.M. S.P.: Casa Editora Presbiteriana, 1960. p. 10s; Homer A. KENT, JR. *Jerusalém to Rome: Studies in the Book of Acts*. Winona Lake: BMH Books, 1972. pp. 16s; Yves SAOÛT. *Atos dos Apóstolos. Ação Libertadora*. Trad. por Manoel J. Francisco. S.P.: Paulinas, 1991; D.A. CARSON, D.J. MOO e L. MORRIS. *Introdução ao Novo Testamento*. S.P.: Vida Nova, 1997. pp. 220-225.

receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” [NVI].

Encontramos, ao longo de toda narrativa, sinais do desejo do autor de demonstrar esse avanço do Evangelho. De interesse especial aqui são os resumos ao final de seções maiores de narrativa que comprovam que algum tipo de avanço significativo ocorreu até aquele ponto: At 6:7 (em Jerusalém); 9:31 (na Judéia, Galiléia e Samaria); 12:24s (em Antioquia da Síria); 16:5 (na província romana da Ásia); 19:20 (em Éfeso); 28:30 (em Roma).

Disso tudo, pode-se concluir preliminarmente o seguinte: a) Lucas não tem nenhum interesse biográfico, a não ser que isso sirva de alguma forma para mostrar como se dá a expansão do testemunho cristão — o exemplo mais evidente disso é Paulo, que começa a aparecer predominantemente na narrativa de Atos a partir do capítulo 13, com a primeira viagem missionária no mundo não-judaico; b) Lucas não demonstra qualquer interesse na política e organização eclesásticas — At 6, ao contrário do que diz o título (que não consta do texto grego) da Edição Revista e Atualizada de Almeida, não trata da “instituição (do ofício) dos diáconos” na igreja de Jerusalém, e, sim, da nomeação de auxiliares dos apóstolos para o trabalho assistencial às viúvas; c) Lucas também não se interessa em forçar algum tipo de padronização sobre seus leitores — At 15, com as decisões “liberais” da igreja-mãe em Jerusalém, relativas à comunidade cristã gentia de Antioquia, é ilustração desse fato.

1.4 Seria Atos um Precedente Histórico para a Igreja?

Acredito que essa questão hermenêutica seria prontamente respondida com um “sim” pela maioria das pessoas, uma vez que parte do silogismo: a Bíblia é para ser obedecida; o livro de Atos faz parte da Bíblia; logo, o livro de Atos deve ser obedecido. Mas, esse silogismo não faz justiça à totalidade do texto bíblico, pois existem diversos tipos diferentes de afirmações na Bíblia — o que corresponde à sua diversidade de uso, cf. 2 Tm 3:16s: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça (...)”. Segundo G. Fee⁵, há 3 tipos de declarações na Bíblia: a) teológicas (o que cremos); b) éticas (como devemos nos comportar); c) práticas (o que fazem/praticam os cristãos). Como princípio, só deveria ser tomado como normativo aquilo que o texto nos manda fazer.

⁵ *Entendes o que Lês?* p.91.

Sobre alguma coisa ser ou não normativa (i.e., tomada como norma, padrão a ser obedecido), é necessário observar que somente quando o texto nos faz responder à pergunta “devemos fazer isso?” é que aquilo que ele diz deve ser tomado como normativo. Muitas vezes, o texto bíblico simplesmente nos faz perguntar “podemos fazer isso?”. Nesse último caso, a questão não é normativa⁶.

Portanto, só por que algo está registrado no texto, isso não significa que tenha de ser tomado como normativo, i.e., como algo que devemos fazer. É importante lembrar que a Bíblia apresenta muita coisa que, de forma alguma, deve ser vista como ordenada para o cristão. Se olharmos para o AT, por exemplo, será que a intenção do Salmo 137:8s é de nos fazer desejar também a eliminação dos bebês de nossos inimigos? Ou será que os testes que Gideão propôs ao SENHOR são recomendação para o crente antes de obedecer o que Deus manda, cf. Jz 6:36-40? Os conselhos dos “amigos” de Jó compreendem a maior parte do livro de Jó — entre o capítulo 3 e o capítulo 37 —, ainda assim, Deus os reprova (Jó 38:2). Mas há muita gente que cita algumas das coisas contidas nesses capítulos como se fossem a vontade de Deus — o que, certamente, não foi a intenção do autor. Em qualquer texto bíblico, a primeira consideração sempre deveria ser quanto ao contexto e a intenção do autor.

É, igualmente, importante não confundir “normatividade” com “normalidade”. Por exemplo, era “normal” que alguém fizesse o que fez Barnabé na comunidade primitiva em Jerusalém: vender suas propriedades e doar o valor da venda à comunidade cristã (At 4:32-37). No entanto, as palavras de repreensão de Pedro para Ananias (At 5:3s) esclarecem que isso não era “normal” obrigatória na Igreja primitiva.

1.5 Conclusão

É de importância fundamental, para a interpretação do livro de Atos, que se coloque At 1:8 como norteador de toda a narrativa; é aqui que encontramos aquilo que, talvez, possa ser chamado de intenção controladora de Lucas ao escrever seu livro. O **testemunho** do Jesus ressurreto começa em Jerusalém e, pelo impulso do Espírito Santo, passa pela Judéia e Samaria e avança em direção aos “confins da terra”, cf. At 2:32; 3:15; 5:32; 10:39; 13:31; 22:15.

⁶ *Ibid.* p. 91.

2. UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-EXEGÉTICA DE ATOS 2:1-13

O contexto imediato em Atos para a narrativa de At 2:1-13 é o início do livro, At 1:4s. Aqui encontramos a reprodução das palavras de Jesus aos discípulos, alertando sobre o recebimento do Espírito Santo, a “promessa de meu pai” (1:4). Com a repetição das palavras referentes ao ministério (batismo) antecipatório de João Batista, “João batizou com água (...) vocês serão batizados com o Espírito Santo” (1:5), a inferência lógica é que aquilo que acontecerá “dentro de poucos dias” (1:5) seja apropriadamente caracterizado como **batismo no Espírito Santo**.

Também é importante notar que a referência inicial ao Espírito Santo no começo de Atos faz uma conexão importante com o Evangelho de Lucas, que concentra desde seu início na atuação do Espírito em relação à vida e ao ministério de Jesus (cf. Lc 1:15-17; 1:35, 41; 3:21s; 4:1, etc.). Assim, enquanto o primeiro volume da obra de Lucas apresenta a atuação do Espírito na vida e ministério do Messias, o segundo abordará a ação do Espírito Santo na vida e missão da Igreja.

2.1 O Batismo no Espírito Santo em At 2:1-13

O evento do dia de Pentecoste é narrado de forma sucinta por Lucas, que apresenta basicamente duas coisas: a) todos da comunidade dos discípulos (provavelmente os 120 mencionados em At 1:15) receberam e “ficaram cheios do Espírito Santo”; e b) todos eles “começaram a falar noutras línguas”, cf. At 2:4. A partir disso, duas observações hermenêuticas merecem registro:

2.1.1 O Batismo no Espírito Santo é acompanhado por Sinais Audio-Visuais

Há dois sinais em At 2:2s, um audível e outro visível, para confirmar a descida do Espírito Santo sobre os discípulos: a) o audível, que é o **vento** — que lembra o próprio Espírito Santo, cujas palavras em Hebraico ריח (*riach*) e Grego πνεῦμα (*pneuma*) podem significar “vento” (aqui, ἄφνω - *aphnô* e πνοῆς - *pnôês*); e b) o visível, que é o **fogo**, lembrando as palavras de João Batista sobre Jesus em Lc 3:16, “ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo”, que fazem a relação Espírito-fogo.

Há, ainda, um outro sinal audível que se relaciona, mais especificamente, com os efeitos do recebimento do Espírito Santo: as línguas (γλώσσαις - *glôssais*), que mais tarde são explicadas por Pedro aos ouvintes, cf. At 2:17s.

Talvez, pelo fato de se relacionar aos efeitos e, portanto, à comprovação do recebimento do Espírito Santo, o sinal que mais interessa discutir aqui é o fenômeno das línguas. Elas estão relacionadas com os efeitos da recepção do Espírito Santo por parte dos discípulos, e servem de “chamariz” para a pregação do Evangelho que se segue em At 2:14-41. Essa observação, por si só, confirma que as línguas não são um fim em si mesmas, elas somente contribuem para um propósito maior. Incidentalmente, isso também é a ênfase de Paulo no contexto do exercício posterior do dom de línguas na comunidade cristã de Corinto, cf. 1 Co 14:18-21.

As línguas no dia de Pentecoste serviram para despertar a atenção dos judeus que vinham de fora da Palestina e dos prosélitos (gentios convertidos ao Judaísmo). São exatamente estes que o autor destaca em sua lista de 2:5-8; judeus que falavam as línguas das nações em que habitavam — “como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?” (2:8). O propósito do sinal das línguas — lembrando que sinal nunca é fim em si mesmo —, é levantar a questão, nesses judeus e prosélitos, que dá a justificativa imediata para o sermão de Pedro: “Que significa isso?” (2:12). Algo semelhante aconteceu no começo do ministério de Jesus na Galiléia, cf. relatado por Marcos em Mc 1:22 e, especialmente, 27: “Todos ficaram tão admirados que perguntavam uns aos outros: ‘O que é isto? Um novo ensino — e com autoridade! (...)’”

2.1.2 A Prioridade do Testemunho de Jesus

Atos 2:14-41 apresenta a consequência imediata da observação do sinal das línguas por parte dos judeus de fora da Palestina e dos prosélitos, ou seja, o sermão de Pedro. Parece que a intenção do relato da recepção do Espírito Santo (2:1-13) tem como principal razão de ser exatamente aquilo que vem em conexão com essa sequência. Isso fica bem estabelecido a partir de alguns detalhes dessa parte de At 2. Esses detalhes, mencionados a seguir, estão estreitamente ligados às últimas palavras de Jesus aos discípulos, antes de sua ascensão, em At 1:8, pois elas se relacionam ao propósito básico da descida do Espírito Santo — capacitar os discípulos para o testemunho de Cristo.

Vejam, então, alguns detalhes da pregação de Pedro. Primeiro, a explicação do fenômeno das línguas (a glossolalia) serve apenas como “moldura” para a mensagem de Pedro, aparecendo no início (2:15-21) e no final da mesma (2:33) — novamente chamando a atenção para os aspectos audiovisuais do evento. O cerne da mensagem de Pedro não trata das línguas. Em segundo lugar, o destaque do sermão de Pedro é, inescapavelmente, a morte e

ressurreição de Jesus, como os versículos 24, 27, 31s e 36 deixam claro; com toda a argumentação sobre a ressurreição baseada no Salmo 16:8-11, em 2:24-36. A ressurreição se torna o eixo central do discurso, pois é ela que possibilitou a exaltação de Jesus e a conseqüente outorga do Espírito (2:32s). Em terceiro lugar, o final do sermão estabelece o que se tornou a **norma** no que diz respeito ao recebimento (batismo) do Espírito Santo para os novos convertidos desde o dia de Pentecoste em diante. Respondendo a pergunta dos ouvintes judeus, Pedro diz: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom (δωρεάν - *dôrean*, o presente/a dádiva que é o Espírito Santo) do Espírito Santo” (At 2:38).

2.1.3 Conclusão

Da análise dessa passagem central e fundamental para o entendimento do papel do Espírito Santo em Atos pode-se concluir:

a) Que o batismo no Espírito Santo foi (e é) uma experiência de relacionamento mais íntimo com Deus por intermédio do Espírito Santo. Isso é diferente da experiência do Espírito de Deus no povo de Deus do AT, no qual o Espírito habitava somente algumas pessoas do povo de Israel, e nunca o povo de Deus em sua totalidade. Em At 2 “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”;

b) Que o novo modelo de intervenção divina no meio do povo de Deus, prometido no AT, em passagens tais como Jeremias 31:31ss e Ez 36:24-27, se cumpre a partir da obra completa de Jesus Cristo — sua vida, morte, ressurreição e exaltação e, conseqüente, envio do Espírito Santo. Nessa Nova Aliança, o agir de Deus é tanto corporativo/coletivo, como foi no AT, mas também é individual/pessoal, pois o Espírito veio sobre “cada um”, ἕκαστος – *hekastos*, (no Pentecoste) e seria recebido por todos que se arrependessem e fossem batizados em nome de Jesus (At 2:38);

c) O que há aqui é um paralelo deliberado, e teologicamente refletido, entre o batismo de Jesus e o recebimento do Espírito Santo, como capacitação no início de seu ministério (Lc 3:21-23; 4:1), e o batismo dos discípulos e o recebimento do Espírito Santo, como capacitação para o serviço e a missão da Igreja.

3. UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-EXEGÉTICA DE ATOS 8:14-17

Se a afirmação de Pedro em At 2:38s é normativo para a Igreja como, então, interpretar os eventos relatados nos capítulos 8, 10 e 19? A resposta mais plausível, no contexto do livro como um todo, é que Lucas destaca esses eventos exatamente em virtude das situações de anormalidade que eles retratam.

No caso específico dos **samaritanos** (At 8), a situação inicial parece bastante normal: aceitaram a palavra, i.e., o Evangelho pregado por Filipe (cf. At 6:5; 8:1, 4), logo depois da dispersão dos cristãos judeus helenistas de Jerusalém. Convém observar aqui que os Apóstolos permaneceram em Jerusalém, mesmo com a perseguição a um grupo específico de cristãos — o mesmo grupo de Estêvão e de Filipe, que também era judeu helenista (de origem grega), cf. 8:1.

3.1 A Intervenção Apostólica

O que chama a atenção aqui é que os apóstolos Pedro e João vêm de Jerusalém para Samaria e oram para que os samaritanos recebam o Espírito Santo (8:15). Seria isso a norma ou mostra isso a anormalidade da situação? Também o texto não apresenta uma descrição de sinais externos do recebimento do Espírito Santo, como Lucas faz em At 2. É possível que isso esteja implícito na seqüência do texto, que trata de Simão (o mago), que entendeu a capacidade apostólica de conceder o Espírito Santo como um poder mágico: “Vendo Simão que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro” (8:18). Parece que Simão ficou impressionado com algum efeito da descida do Espírito sobre os samaritanos e, por isso, desejava “comprar” o poder dos Apóstolos.⁷

Outro aspecto digno de nota é que os Apóstolos impõem as mãos sobre os samaritanos, a fim de que eles recebam o Espírito Santo. A questão é: por que eles fazem isso? Qual a razão de fazerem isso nesse evento envolvendo os samaritanos? Não há outra situação de recebimento do Espírito descrita da mesma maneira no livro de Atos, i.e., com conversão seguida de “inspeção” apostólica e a imposição de mãos conferindo o Espírito Santo. Somente em At 19:6 encontramos algo parecido [cf. análise posterior neste artigo], mas

⁷ LONGENECKER. *The Acts of the Apostles*. p. 259.

também em circunstâncias excepcionais.⁸

3.2 A Necessidade da Intervenção Apostólica

Embora não tenham recebido o Espírito até a chegada dos apóstolos, a narrativa torna evidente o fato de que os samaritanos genuinamente creram no Evangelho. As expressões usadas pelo autor para descrever o evento são elucidativas: “creram nele” — i.e., na pregação de Filipe —, e “foram batizados” (v. 12); e “Samaria havia recebido a palavra de Deus” (v. 14). Também é significativo observar que Pedro e João não fazem qualquer acréscimo ou retificação à pregação de Filipe.⁹

Alistamos a seguir quais seriam, então, as razões para o procedimento **anormal** relatado nessa passagem a respeito do recebimento do Espírito Santo pelos samaritanos.

3.2.1 O Aval Apostólico para a Missão aos Samaritanos

Uma vez que Filipe não era um apóstolo — e a Igreja de Jerusalém reconhecia os Apóstolos como os únicos líderes autorizados por Cristo para transmitir sua Palavra e liderar a Igreja, cf. At 2:42; 6:1-4, por exemplo —, foi necessário o aval, a sanção, dos apóstolos para validar aquilo que estava sendo realizado por um não-apóstolo em Samaria. Filipe era um dos judeus-cristãos helenistas escolhidos para o serviço assistencial na igreja em Jerusalém (At 6:5s). Evidentemente, assim como com Estêvão, ele possuía aptidões espirituais para realizar outros ministérios. Em At 21:8s, por exemplo, Filipe é identificado por Lucas como “evangelista” [Φιλίππου τοῦ εὐαγγελιστοῦ — *philippou tou euangelistou*].

3.2.2 Evitar o Sectarianismo Religioso Samaritano

Historicamente, os judeus mantinham grande desprezo pelos samaritanos. As razões para isso têm raízes nos séculos que sucederam a destruição do reino do norte (Israel) pelos assírios em 722 a.C., quando o território foi colonizado por outros povos trazidos para lá pelos conquistadores. Houve, com o passar do tempo, uma miscigenação entre os israelitas remanescentes e esses outros povos pagãos. Na segunda metade do 6º século a.C., depois do exílio babilônico do reino do sul (Judá), os samaritanos tenta-

⁸ MARSHALL. *Atos: Introdução e Comentário*. p. 152. Em vista do fato do texto relatar que os samaritanos haviam sido batizados em “nome do Senhor Jesus”, Marshall afirma que essa “é, talvez, a declaração mais extraordinária em Atos”.

⁹ KENT, JR. *Jerusalém to Rome*. p. 79.

ram participar da reconstrução do templo e foram impedidos, cf. Ed 4-6. Mais tarde os samaritanos construíram um templo rival ao dos judeus no monte Gerizim¹⁰, o que causou ainda maior animosidade entre judeus e samaritanos.¹¹

Assim, no 1º século da era cristã a possibilidade de relacionamento e integração entre judeus e samaritanos era praticamente nula. É só lembrar o diálogo de Jesus com a mulher samaritana em Jo 4, e a passagem posterior de Jesus e seus discípulos por Samaria, Lc 9:54s, para se ter uma idéia da animosidade/hostilidade reinante entre os judeus e os samaritanos, especialmente no que se refere à religião. Não seria difícil imaginar que, assim como a religião samaritana era uma espécie de judaísmo sectário, também o cristianismo surgido ali poderia muito bem se tornar cismático em relação a Jerusalém.¹²

3.2.3 Conclusão

Portanto, a conclusão que se chega depois dessas considerações é que a intervenção apostólica (autorizada) teve como objetivo verificar que a evangelização dos samaritanos, feita por um não-apóstolo, não correria o perigo de se tornar o início de mais um grupo sectário, como aconteceu com o “judaísmo samaritano”. Por essa razão, o aval apostólico era importante para a Igreja em Jerusalém. Mas também era muito importante para a própria comunidade cristã incipiente em Samaria, pois não somente deixava claro aquilo que o próprio Jesus disse à mulher samaritana: “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:24), como principalmente garantiria sua aceitação pelos judeus-cristãos em Jerusalém. Portanto, a unidade do frágil e infante cristianismo primitivo estaria garantida.

É importante, ainda, destacar duas observações: a) se a seqüência dos eventos fosse normal, como os samaritanos convertidos seriam vistos pelos cristãos judeus em Jerusalém? Haveria muita dificuldade para a aceitação dos mesmos, como se vê com o caso dos gentios (At 11:1-18) — e esses, sim, evangelizados por um Apóstolo!; b) Jerusalém, é preciso lembrar, era a Igre-

¹⁰ Flavius JOSEPHUS. *The Complete Works of Josephus*. Grand Rapids: Kregel. 1960. *Antiquities of the Jews*. Livro XI capítulo VIII.6. p. 244

¹¹ Joachim JEREMIAS. *Jerusalém no Tempo de Jesus. Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário*. Trad. por M. Cecília de M. Duprat. S.P.: Paulinas, 1986. pp. 465-472. Para uma pesquisa mais completa sobre aspectos culturais dos samaritanos no 1º século A.D., veja Emil SCHÜRER. *The history of the Jewish people in the age of Jesus Christ*. Vol. II. Revisado e editado por G. VERMES, F. MILLAR e M. BLACK. Editora literária: P. VERMES. pp. 16-20.

¹² LONGENECKER. *The Acts of the Apostles*. p. 358.

ja-mãe, que zelava pela unidade de toda a Igreja por meio dos Apóstolos, o que é muito bem ilustrado com relação à missão aos gentios, cf. At 15.

4. UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-EXEGÉTICA DE ATOS 10:44-48

Nos limitaremos aqui a apontar alguns dos aspectos mais importantes em relação à atuação do Espírito Santo, uma vez que nossas observações anteriores já estabeleceram as linhas básicas gerais para a abordagem do texto de Atos.

O caso aqui é a conversão de Cornélio, sua família e amigos, juntamente com o recebimento do Espírito Santo. Tanto Cornélio como os seus familiares e amigos eram gentios. Cornélio, porém, é chamado de piedoso e “temente a Deus” (10:2), i.e., um termo que designa um gentio simpatizante do Judaísmo. A situação é, mais uma vez, excepcional, pois envolve o recebimento do Espírito Santo por parte de não-judeus (cf. com os samaritanos); nesse caso, de romanos.

Eis os principais aspectos a se observar na narrativa:

4.1 Cornélio e os seus Creram sem Nenhuma Manifestação Externa Imediata de sua Fé

Pedro começa a pregar e, depois de um breve relato sobre a vida e ministério de Jesus, menciona o “perdão dos pecados” (10:43) por meio de Jesus Cristo. A próxima coisa que o autor diz é que o Espírito Santo “desceu sobre todos os que ouviam a mensagem” (10:44). Aparentemente, isso significa que houve fé da parte dos ouvintes. No entanto, o texto não nos diz que isso não foi evidenciado externamente — nem com palavras nem com qualquer tipo de gesto que desse a entender que esse era o caso. Ao contrário dos ouvintes de Pedro no dia de Pentecoste, os quais lhe perguntaram ao final do sermão o que deveriam fazer; ou dos samaritanos, que depois de crerem na mensagem de Filipe são batizados, Cornélio e os seus não manifestam externamente sua recepção à boa nova. Somente os sinais do recebimento do Espírito é que evidenciam que a fé ocorreu no seu íntimo.

4.2 O Espírito Santo desce sobre os Gentios sem Qualquer Aviso, mas com Sinais

Primeiramente, Lucas dá conta da admiração dos cristãos judeus que acompanharam Pedro até à casa de Cornélio e testemunharam o aconteci-

mento: “Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios (...),” cf. 10:45. Evidentemente, foi algo totalmente inesperado e surpreendente para eles. A comprovação disso é expressa pelo autor no versículo seguinte (10:46): “(...) pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus”. É relevante notar aqui que a ênfase da narrativa está na admiração e perplexidade do grupo de judeus-cristãos que acompanha a Pedro.

4.3 A Inversão de At 2:38 tem o seu Propósito

O autor relata ainda que Pedro propõe e manda realizar o batismo de água cristão (“em nome de Jesus Cristo”, v. 48), cf. 10:47s., observando que isso deve ser feito uma vez que os gentios “receberam o Espírito Santo como nós [os cristãos judeus]”.

A explicação para a excepcionalidade dessa situação está, praticamente, implícita no relato de Atos. É por causa da **extrema dificuldade de aceitação dos gentios** por parte dos cristãos judeus que tudo isso tem de acontecer dessa forma. Em outras palavras, Deus mesmo tem de convencer os cristãos de origem judaica (i.e., virtualmente a totalidade dos primeiros cristãos) de que também aceita os gentios na Igreja de Jesus Cristo.

Até mesmo um exame rápido do contexto de At 10 faz com que isso se torne patente. Por exemplo, Deus tem de tomar medidas extremas para convencer Pedro a entrar na casa de um gentio com o fim de evangelizá-lo: a) At 10:5 fala de uma visão que o próprio Cornélio (que está em Cesaréia) tem com a ordem de mandar buscar a Pedro (Simão) em Jope; b) At 10:9-16 descreve a visão que Pedro tem dos animais impuros — impróprios para o consumo, de acordo com a Lei —, e a ordem de Deus para que Pedro os abata e coma. A negativa de Pedro mostra muito bem a sua determinação, como judeu, de não admitir qualquer transigência com aquilo que era considerado pelos judeus como “impuro”, inclusive, com os gentios; c) At 10:17-20 relata a chegada dos emissários de Cornélio, que vieram buscar a Pedro e a compulsão oral do Espírito Santo para que ele fosse com eles à casa de Cornélio. Não deixa de impressionar a intensidade e o volume de “trâmites divinos” que tiveram lugar para que, finalmente, Pedro fosse convencido a ir à casa de Cornélio em Cesaréia.

Ainda é importante mencionar o “interrogatório” a que Pedro foi submetido pela liderança (judaica) da Igreja de Jerusalém, quando este voltou da visita a Cornélio. Isso é narrado em At 11:1-18. Certamente, a notícia da missão de Pedro não agradou a liderança da Igreja. Mas ele lembra seus pares em Jerusalém que Deus havia concedido aos gentios a mesma experiência

que havia concedido a eles no dia de Pentecoste; i.e., ele lembra a **norma** de At 2:38 ao dizer: “Se, pois, Deus lhes deu [aos gentios] o mesmo dom que nos tinha dado [aos judeus no dia de Pentecoste] quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para pensar em opor-me a Deus?” (At 11:17).

4.4 Conclusão

A lição dessa passagem no argumento do livro de Atos como um todo é que Deus aceita os gentios na Igreja de Jesus Cristo. Toda a ênfase na maneira em que isso foi realizado tem a ver com esse fato. Era necessário quebrar os antigos e tradicionais preconceitos religiosos-culturais dos primeiros cristãos, que eram judeus, para que isso acontecesse na prática. Como? Com Deus mesmo, não seres humanos, quebrando os padrões a fim de não deixar qualquer dúvida. Convém observar que o próprio Pedro, em suas palavras de abertura na casa de Cornélio, admite o seu preconceito que Deus mesmo teve de quebrar, cf. At 10:27-29.

5. UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-EXEGÉTICA DE ATOS 19:1-7

O contexto de At 19:1-7 é o ministério paulino na província romana da Ásia. Depois de sair de Corinto Paulo chegou a Éfeso, onde encontrou o que Lucas denomina “alguns discípulos” (At 19:1). A partir disso, antes de afirmar qualquer outra coisa a respeito deles, Lucas diz que Paulo lhes faz uma pergunta, no mínimo estranha em se tratando de discípulos cristãos: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” (19:2).

5.1 A Pergunta de Paulo (19:2) Expressa a Anormalidade da Situação

Essa pergunta nos faz pensar no que Lucas relata no contexto, nos versículos imediatamente anteriores (At 18:24-28) no caso do ministério de Apolo em Éfeso. Segundo o autor, quando chegou na cidade, Apolo ainda não tinha uma compreensão clara e definida de que a pregação de João Batista se referia especificamente a Jesus Cristo e sua obra de redenção na cruz e ressurreição, cf. At 18:25: “(...) falava e ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João”. Esse fato, i.e. que Deus havia cumprido seu propósito redentor em Jesus Cristo, lhe foi ensinado posteriormente pelo casal cristão que acompanhou a Paulo em Corinto, Priscila e Áquila, e que agora estava em Éfeso. Possivelmente, um pequeno grupo da

sinagoga efésia continuou com as mesmas idéias de Apolo depois da saída deste e da chegada de Paulo, cf. 19:3 — eles haviam sido batizados no batismo de João Batista, e não no batismo cristão.

Existe uma questão exegética que necessita ser abordada aqui. O grego do versículo 2 tem a seguinte expressão: ἐλάβετε πιστεύσαντες (*elabete pisteusantes*), composta de um verbo no Aoristo ativo (ἐλάβετε - *elabete*) e outro no Aoristo Particípio (πιστεύσαντες - *pisteusantes*). Essa expressão é traduzida pela grande maioria das versões como “Recebestes (...) quando crestes” (cf. ARA, NVI, etc.), o que sugere que o recebimento do Espírito Santo deveria coincidir com o ato de crer. O que alguns escritores sugerem é que ela poderia ser também traduzida por “recebestes desde que crestes”, o que significaria que a pergunta de Paulo daria espaço para se pensar num recebimento do Espírito Santo subsequente ao ato de crer.

Embora essa segunda tradução seja possível, gramaticalmente falando, é muito mais natural e adequado entender o que Paulo pergunta de acordo com a primeira (e mais aceita) proposta de tradução. Isso se deve, principalmente, ao fato de que o Particípio grego está acompanhando o verbo principal (o Aoristo ativo ἐλάβετε - *elabete*) e, portanto, expressa uma ação coincidente com tempo do verbo principal. Ou seja, o “crer” acontece simultaneamente ao “receber”.¹³ Assim, o Particípio é corretamente traduzido por “ao” ou “quando” crestes, concordando com o padrão, a norma, de At 2:38. É, especialmente, interessante observar que no texto de Ef 1:13s, no qual Paulo menciona a experiência de conversão dos Efésios, bem como de pessoas de toda a região, o mesmo verbo no Particípio (πιστεύσαντες - *pisteusantes*) é usado, dando exatamente a mesma idéia na tradução que sugerimos aqui.

5.2 A Questão do Batismo de João

A argumentação de Paulo sobre o batismo de João indica que a compreensão que o grupo de Éfeso tinha sobre o cristianismo era limitada à proclamação **antecipatória** de João Batista, cf. 19:3-5. Paulo diz, claramente, que essa era a característica básica do batismo de João — levar à fé “naquele que viria depois dele” (19:4).

¹³De acordo com J.H. MOULTON, *Grammar of NT Greek*. Edinburgo, 1908¹. Vol. I, p. 131n. apud F.F. BRUCE. *The Book of Acts*. The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1977 p. 385. “O aoristo particípio coincidente é doutrinariamente importante”. Veja, também, A.T. ROBERTSON. *A Grammar of the Greek New Testament*. Nashville: Broadman Press, 1934, pp. 1112s MARSHALL. *Atos*. p. 288; KENT, JR. *Jerusalém to Rome*. p. 150

Nesse sentido, é interessante notar que no NT o Evangelho de João foi escrito tendo em mente certa polêmica com aqueles que desejavam identificar João como Messias. Isso é demonstrado nas constantes referências a João no começo do Evangelho e na insistente maneira com que ele é apresentado, negando ser o Messias, cf. Jo 1:6-8, 19-34; 2:22-36.¹⁴ Além de indicar que, mesmo depois da realização da obra redentora de Jesus Cristo, ainda persistiam grupos de adeptos de João Batista espalhados entre os judeus, também é possível que o autor do Evangelho de João tivesse escrito seu Evangelho precisamente na cidade de Éfeso, segundo uma tradição antiga da Igreja,¹⁵ local do incidente que Lucas registra no capítulo 19 de Atos.

Atos 19:5 fala de um batismo em nome de Jesus. Embora alguns mencionam o caso como um “rebatismo” (que teria sido o único mencionado em toda a Bíblia), não se deve perder de vista que Paulo os conclama àquilo em que ainda não haviam tomado parte, i.e., ao batismo cristão. O batismo de João não era o batismo cristão, apesar de compartilhar com o último, basicamente, o mesmo propósito — “arrependimento” para o perdão de pecados, cf. At 19:4; Mc 1:4. Era um batismo **preparatório**, que seguia de perto a tradição levítica de lavagens cerimoniais de purificação. A obra redentora ainda não tinha sido realizada em Cristo. O batismo cristão, por outro lado, era **consumatório** e, sobretudo, **identificatório**. O cristão se identifica com e toma para si o morrer e o ressurgir com Cristo que o batismo cristão retrata, cf. Rm 6:2-4.

5.3 A Intervenção Apostólica

Encontramos aqui a mesma coisa que Lucas relata em At 8, em conexão com os samaritanos. Naquela passagem, Pedro e João são os enviados apostólicos que verificam e comprovam a conversão genuína dos samaritanos e, depois, lhes impõem as mãos para que recebam o Espírito Santo. Aqui é Paulo quem faz isso, cf. At 19:6. Ele, certamente, o faz em virtude da autoridade apostólica que recebeu do próprio Cristo, cf. At 9:15s; 1 Co 15:9-11.

¹⁴ Oscar CULLMANN. *Cristologia do Novo Testamento*. S.P.: Editora Liber. 2001. pp. 49-51.

¹⁵ IRINEU. *Against Heresies*. 3.1.2. apud D.A. CARSON. *The Gospel According to John*. Pillar New Testament Commentary Series. Grand Rapids: Eerdmans, 1991. Edição eletrônica in Translator's Workplace Version 3. Summer Institute of Linguistics e United Bible Societies, 2000; cf., Eusebius PAMPHILUS. *Ecclesiastical History*. Trad. por Christian F. Cruse. Grand Rapids: Baker, 1990 III i.1.

Aqui, também, o recebimento do Espírito Santo pelo grupo de discípulos de João Batista é acompanhado por sinais audíveis: línguas e profecia (19:6; cf. At 10:46).

5.4 Conclusão

O grupo de Éfeso era composto de discípulos de João, que tinham uma percepção limitada de quem era Jesus Cristo, e isso a partir da pregação (limitada) de João Batista. Agora, instruídos mais integralmente por Paulo, eles são iniciados no cristianismo, recebendo o batismo cristão e o Espírito Santo. É possível dizer que eles, de certo modo, eram “crentes”, mas ainda não eram “cristãos”, quando Paulo os encontra em Éfeso.

A norma pós-Pentecostes de At 2:38 continua valendo. Mais uma vez deparamos uma narrativa que denuncia a excepcionalidade do caso do recebimento do Espírito Santo, e não da norma. A única maneira desta passagem ser aplicável hoje é se for encontrado um grupo de seguidores de João Batista perdido por aí, que nunca ouviu sobre a consumação da obra redentora de Deus em Jesus Cristo. Convenhamos, isso seria difícil um tanto de acontecer.

6. CONCLUSÃO GERAL

Chegamos ao fim de nossa investigação sobre as passagens a respeito da recepção do Espírito Santo em Atos e os aspectos hermenêuticos envolvidos. Nossa preocupação principal era discernir a questão das passagens sobre o recebimento do Espírito Santo na perspectiva da intenção, ou intenções, do autor de Atos com seu livro. Creio que, apesar das muitas complexidades presentes nas passagens estudadas, foi possível estabelecer que o foco central do livro — i.e., a questão crucial que norteia Atos como um todo, a expansão da Igreja, de Jerusalém até os limites do mundo conhecido na época (At 1:8) —, determina a percepção adequada dos eventos descritos. A **norma** continua sendo At 2:38, enquanto que At 8, 10 e 19 apresentam eventos excepcionais (não normativos) que sinalizam a transição de uma Igreja cristã exclusivamente judaica para o que temos hoje: uma Igreja sem fronteiras nacionais, raciais e culturais, que continua o processo de “globalização” divino pela divulgação do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

APÊNDICE

COMPARAÇÃO ENTRE AS PASSAGENS SOBRE
A RECEPÇÃO DO ESPÍRITO SANTO EM

Características	Atos 2:1-13	Atos 8:14-17	Atos 10:44-48	Atos 19:1-7
Receptores	v.1 – Apóstolos e discípulos (judeus) 1:15 – 120 pessoas	v.14 – Samaritanos	v.24 – Cornélio, parentes e amigos achegados (gentios)	v.1 – “alguns discípulos”
Situação	crentes	v.14 – que aceitaram a palavra v.16b – batizados em nome de Jesus	v.2 – piedosos, lementes a Deus; Cornélio dava esmolas e orava sempre	v.2b – não sabiam da vinda do ES v.3b – discípulos de João Batista
Manifestação do Espírito Santo	v.2s – audio-visual: vento e fogo v.4 – cheios do ES; falaram outras línguas	v.17a – imposição de mãos (apóstolos Pedro e João) v.17b recebem o ES	v.44a – enquanto Pedro pregava o Evangelho	v.5 – instrução e batismo em nome de Jesus v.6a – imposição de mãos (apóst. Paulo) v.6b – falaram em línguas e proferizaram
Agência	v.2a – “do céu” = diretamente de Deus	v.15 – apóstolos Pedro e João: oram para que recebam o ES	v.44b – “desceu” = diretamente de Deus	v.6a – apóstolo Paulo
Distribuição	v.3b – sobre cada um	v.17b – “eles [todos] receberam”	v.43 – os que creiam v.44b – todos os ouvintes v.47s – depois batismo	v.7 – (-) 12 homens

Que preciosos são os momentos que passamos na presença de Deus, nosso Senhor.



Lançamento
R\$ 16,90

Orando em Família, o devocional que é diferente.

Fone: (47) 635-0911
ucrista@uniaocrista.com.br